

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação

Programa Institucional de Iniciação científica

Relatório Final (retificação) de Pesquisa PIVIC-edital 001/2010/UFG

(revisado pelo orientador)

Acerca da noção de conhecimento em Platão

palavras-chave: Platão, conhecimento, sensação, razão

orientando: Jose Silva Ramos filho (graduando de filosofia-UFG)

orientador: Anderson de Paula Borges (FAFIL-UFG)

1. Justificativa de Mudança no título do projeto

O título do projeto "*A Maiêutica no Teeteto de Platão e sua função na Ideia de Conhecimento Proposta por Sócrates*" sofreu alteração no decorrer das pesquisas devido aos movimentos percorridos em virtude das investigações realizadas nas obras do período da maturidade de Platão, sobretudo a partir da leitura do *Teeteto*. O aluno percebeu que a noção de conhecimento (epistēmē), defendida no *Teeteto* apresenta uma visão mais ampla do processo de investigação epistemológica de Platão. Desse modo, a noção de maiêutica deixou de ser o foco do projeto.

1. INTRODUÇÃO

Há uma relação muito forte entre o conceito de conhecimento em Platão e o método socrático. Gregory Vlastos afirma, num artigo de sua obra *Socratic Studies*, que em Sócrates, “the method is all”: o método é tudo. Em Sócrates, de acordo com Vlastos, observam-se dois métodos desenvolvidos para a descoberta do conhecimento verdadeiro: o *elenchos* e a *maiêutica*. Tais métodos possuem o objetivo de fazer o interlocutor perceber as falhas de suas opiniões. Este processo de aprendizado pela via do exame socrático possibilita ao interlocutor de Sócrates o acesso ao conhecimento genuíno. O *elenchos* se desenvolve nos diálogos como uma refutação das premissas apresentadas pelo adversário. Objetivo do método é levar o interlocutor a precipitar-se em contradições de modo que tal estado cognitivo lhe permita perceber as falhas de seu raciocínio.

No *Teeteto*, diálogo da maturidade de Platão, pode-se verificar de que modo o *elenchos* é desenvolvido. Conforme o jovem Teeteto afirma:

[...] sobre o que me perguntas, digo que isso se me afigura muito estranho. Ao estudarmos há pouco a assertiva de que tudo o que aparece a cada um é tal como lhe aparece, eu achava a proposição muito bem formulada; porém agora essa impressão se transformou precisamente no seu contrário. (162c-d).

O trecho acima mostra como o interlocutor é levado à confusão por meio da conversa com Sócrates. Sócrates, a partir daí, passa a conduzir o interlocutor ao passo seguinte do exame, o da produção do conhecimento verdadeiro ou, como é o caso no

Teeteto, à consciência e percepção das razões pelas quais determinada proposição não é verdadeira. Minha proposta aqui é mostrar que esses episódios dos diálogos, sobretudo no *Teeteto* e no *Mênon*, textos nos quais Platão mostra Sócrates colocando seus interlocutores em dificuldades cognitivas, já exibem um aspecto crucial da noção de conhecimento em Platão.

2. OBJETIVOS

- Mostrar a relação entre o método socrático a noção de conhecimento em Platão;
- Servir de base para o desenvolvimento de projetos posteriores

3. METODOLOGIA

- Leitura das obras relacionadas nas referências;
- Fichamento das obras relacionadas nas referências;
- Consulta e elucidação de dúvidas junto ao orientador;
- Redação de relatórios periódicos e do relatório final;
- Apresentação de resultados da pesquisa, comunicação, durante a Semana Acadêmica do curso de Filosofia em 2011 e no Congresso de Pesquisa e Extensão – CONPEEX/UFG.

4. RESULTADOS

- Aprovação para apresentação de pôster na 63 Reunião Anual da SBPC que será realizada em Goiânia no período de 10 a 15 de julho de 2011;
- Aprovação para apresentação de pôster no [VIII Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão](#) – CONPEEX 2011 - que será realizada em Goiânia no período de 10 a 15 de julho de 2011;
- Apresentação de comunicação na [XVIII Semana de Filosofia da Universidade Federal de Goiás/UFG - XIII Semana de Integração Graduação e Pós-Graduação que ocorrerá no período de 16 a 20 maio de 2011;](#)

- Aprovação na submissão de resumo para apresentação no XVIII Congresso Nacional de Estudos Clássicos que será realizado no Rio de Janeiro no período de 17 a 21 de outubro de 2011.

5. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

5.1 *A teoria das ideias*

Platão foi categórico em afirmar que a verdade de uma coisa não reside na percepção que ela evoca. Para Platão, as percepções enganam e a “verdade” só é possível através do uso da “razão”, i.e., do conhecimento completo de uma essência do objeto. Este aspecto da doutrina epistemológica de Platão é um saber que o dialético domina. Como escreve Marco Zingano:

O dialético tem uma visão completa da realidade. Como pode ver a essência de cada coisa? Vendo a essência de toda coisa. Para Platão, o que realmente existe é o que reconhecemos pelo pensamento, não o que percebemos com os sentidos. (ZINGANO, 2002, p.44).

Essa concepção de pensamento, destacada por Marco Zingano, tem origem numa tese platônica: a tese de que não é possível conceber que o que existe no mundo são apenas casos particulares e coisas particulares. Platão postulou uma “realidade” das ideias: determinado objeto ou qualidade existe por meio da “participação” na ideia. O termo “Ideia” talvez seja apenas um termo utilizado por Platão para eliminar possíveis ambiguidades que a utilização de objetos (mesa, pau, pedra) poderia proporcionar a partir da utilização não filosófica destes mesmos objetos. Com isso queremos dizer que os objetos, segundo Platão, recebem nomes pelo pensamento porque este mesmo pensamento já está em processo de atribuição de um nome a partir de uma ideia. Assim, a teoria das ideias é uma forma de explicar o conhecimento da realidade.

5.2 *O papel da reminiscência no conhecimento*

No *Mênon*, em 82-c, Platão apresenta a teoria da *reminiscência* como forma de explicar o conhecimento daqueles ideias que mencionamos. Segundo o *Mênon* conhecer é rememorar. Ali, Sócrates utiliza a *maiêutica* na condução do escravo de Mênon para a solução do problema matemático apresentado. Nesse contexto de descoberta da forma correta de resolver um problema a teoria da reminiscência surge como resposta ao seguinte

paradoxo, proposto por Mênon:

E de que modo procurarás, Sócrates, aquilo que não sabes absolutamente o que é? Pois procurarás propondo-te que tipo de coisa, entre as coisas que não conheces? Ou, ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso é aquilo que não conhecias? (80-d)

O paradoxo de Mênon é resolvido por Sócrates pela idéia de rememoração. A hipótese afirma que todo conhecimento é inato ao homem, pois as informações adquiridas num momento pré-natal estão presentes na alma. Neste sentido, o trecho que trata do exercício matemático, no *Mênon*, elucida tal relação de familiaridade que há entre o dado presente desde o nascimento, mas esquecido, e alguns aspectos centrais do problema enfrentado pelo intelecto. Mesmo se tratando de algo abstrato como a matemática e, além disso, uma matemática praticada por um escravo, O diálogo mostra que é possível entender o tópico da matemática se o caminho de aprendizado for marcado pela clareza e pela compreensão de quem está envolvido na tarefa. Sendo escravo de Mênon, pode-se supor que desfrutava de certa liberdade no âmbito do lar de Mênon e, possivelmente, tenha acompanhado estudos e debates acerca de problemas matemáticos. O avanço gradual da participação do escravo de Mênon, inicialmente passivo e depois interagindo com Sócrates, demonstra como a reminiscência age no homem. O escravo de Mênon, outrora desprovido de qualquer conhecimento, resolve um problema matemático de relativo grau de dificuldade. Ela passa de duas respostas incorretas para uma resposta correta, chamada então de “opinião verdadeira” (*Mênon*, 85c).

É possível que Platão tenha depois abandonado a hipótese da reminiscência. Ela aparece como fundamental em três diálogos: *Mênon*, *Fedro* e *Fédon*. Depois ela desaparece. É muito significativo, por exemplo, que duas obras fundamentais sobre a concepção platônica de conhecimento, a *República* e o *Teeteto*, não mencionam a teoria da reminiscência nem mesmo como hipótese explicativa. Em trabalhos futuros pretendemos examinar mais profundamente o papel da reminiscência no conhecimento. Por ora, gostaria de destacar outro aspecto muito característico da noção de conhecimento em Platão: a crítica ao papel cognitivo da sensação.

Em 65b-67b no *Fédon* Platão defende que o acesso ao conhecimento se dá por uma via exclusivamente racional:

[...] quando é, pois, que a alma atinge a verdade? Temos dum lado que, quando ela deseja investigar com a ajuda do corpo qualquer questão que seja, o corpo, é claro, a engana radicalmente. [...] E não é, ademais, nessa ocasião que a alma do filósofo, alçando-se ao mais alto ponto, desdenha o corpo e dele foge, enquanto por outro lado procura isolar-se em si mesma?[...] Se alguma vez quisermos conhecer puramente os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele, 'do corpo', e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos. Só então é que, segundo me parece, nos há de pertencer aquilo de que nos declaramos amantes: a sabedoria. (65b-d – 66d-e).

Neste trecho Platão explica que as limitações de acesso ao conhecimento verdadeiro são condicionadas diretamente pelas sensações. Para Platão, as sensações confundem e influenciam negativamente o discernimento humano. No entanto, diferentemente do princípio socrático, que defende que o conhecimento genuíno é incompatível com o erro, para Platão o erro não está ligado exclusivamente à ausência de conhecimento. O próprio conhecimento seria influenciado pela intermitência das sensações. A insegurança e parcialidade propiciada pelo conhecimento sensitivo é um dos pontos que Platão mais ataca em obras como *Fédon*, *República* e *Teeteto*.

5.3 *Discutindo o papel da sensação no conhecimento*

O jovem Teeteto, no diálogo homônimo, declara que “*quem sabe alguma coisa sente o que sabe. Assim, o que se me afigura neste momento é que conhecimento não é mais do que sensação*” (151e). Platão critica pesadamente essa hipótese na primeira parte do diálogo. Uma das hipóteses discutidas nesse exame da tese esta ligada ao argumento de Protágoras sobre o conhecimento. Para Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas”, sendo assim medida de sua própria verdade. Platão refuta o argumento a partir do próprio princípio relativista: se todos somos medidas de nossas próprias verdades, qualquer homem poderia negar a tese de Protágoras, uma vez que também aquilo que este homem diz seria verdadeiro.

De acordo com as leituras feitas por este aluno no período da maturidade de Platão (*Mênon*, *Fédon*, *Fedro* e *República*), pode-se dizer que para Platão o conhecimento rigoroso não nunca induz ao erro, mas, ao contrário, conduz o interlocutor à essência das coisas. Neste sentido, acreditamos que Platão foi aos poucos tomando consciência da

importância de um amadurecimento de sua filosofia, mas sem se esquecer do legado de Sócrates. No *Teeteto*, diálogo do período tardio de Platão, a *maiêutica*, mesmo sendo um método caracteristicamente socrático, está presente. Nesse texto, que constitui o documento principal de Platão sobre o conhecimento, ela não parece ter sido suficiente para produzir uma definição formal de conhecimento. Platão parece exprimir essa conclusão nas entrelinhas, pois ele não diz nada no *Teeteto* que desabone a maiêutica. Parece-nos que ele quer mostrar que o método socrático é, ao mesmo tempo, virtuoso e limitado:

[...] minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. (150b-c).

Assim, mesmo tendo escrito o *Teeteto* após a morte de Sócrates, Platão, aparentemente o homenageia, relacionando o método socrático a problemas de maior complexidade, como a *digressão Filosófica*, o *Mobilismo*, e os conceitos relacionados às diferenças entre *Razão* e *Sensação*, além de abordar o problema matemático das *potências*, apresentado por Teodoro e Teeteto no início do diálogo.

Conclusão provisória

Minha impressão provisória do tema aqui proposto é que a noção de conhecimento em Platão, sobretudo a noção que está no pano de fundo do diálogo *Teeteto*, é o resultado de uma reflexão de Platão sobre as limitações do método socrático. Tendo inicialmente considerado que esse método é poderoso para identificar os erros e as falhas cognitivas, Platão depois começou a perceber que ele não produz definições.

Por outro lado, para uma maior abrangência nos estudos sobre a epistemologia de Platão, proponho na sequência estudar dois textos : “Plato’s Theory of Knowledge, de Norman Gulley (Methuen Library Reprints, London-NY, 1962) e o livro de N. P. White, *Plato On Knowledge and Reality* (Hackett, 1976).

Quero destacar também que recentemente foi traduzida para o português uma obra de grande fôlego e envergadura sobre o platonismo: o livro PLATÃO (Artmed, 2011), cujo

organizador é o professor e chefe do departamento de Filosofia da Universidade de Oklahoma Hugh H. BENSON. No momento que desenvolvia esta pesquisa não pude ter acesso a essa obra, o que teria sido muito proveitoso para mim, pois trata-se de uma coleção vinte e nove artigos muito bem escritos por renomados pesquisadores de Platão na atualidade. Traduzido com rigor acadêmico pelo professor associado, livre docente da Universidade de São Paulo, Marco Antônio de Ávila ZINGANO, este estudo é material obrigatório a todos que, assim como eu, se interessam pela filosofia desenvolvida por Platão. Há uma série de artigos sobre conhecimento nesse diálogo que pretendo estudar. Alguns artigos desse livros me permitiram formular alguns argumentos para elaborar um projeto de pesquisa de maior fôlego sobre o conceito de conhecimento em Platão.

7. REFERÊNCIAS

I. Obra de Platão

- PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- _____. *Fédon*, Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural, 1972.
- _____. *Mênon*, Tradução de Maura Iglesias. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola 2001.
- _____. *Teeteto*, Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Rev. Belém: EDUFPA, 2001.
- _____. *República*, Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

II. Bibliografia secundária:

- BENSON, Hugh. H, *Platão*, Tradução de Marco Antônio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DORION, Louis-André, *Compreender Sócrates*, Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2006.
- JAEGER, W., *Paidéia: a formação do homem grego*, Tradução de Arthur M Parreira. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MORAVCSIK, J., *Platão e Platonismo*, Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2001.
- PAPPAS, N., *Plato and the Republic*, New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2002.
- REALE, G., *História da Filosofia Antiga*, Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

ROBINSON, T. M., *A Psicologia de Platão*, Tradução de Marcelo Marques. São Paulo: Loyola, 2007.

ROGUE, C., *Compreender Platão*, Tradução de Jaime A. Clasen. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VLASTOS, G., *Socratic Studies*. New York: Cambridge University Press, 1995.

VOEGELIN, E., *Platão e Aristóteles*, Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2009.